



AS VIAGENS DE VINCENT LEBLANC

A Provença marítima é uma das regiões privilegiadas da França, esse paiz mosaico de regiões.

Nada falta á Provença marítima: um littoral recortado, uma renda feita de portos; montanhas alterosas; um clima delicioso, sobretudo no inverno; um céu tecido numa peça colossal do mais bello azul; um mar lindilho a banhar-lhe as rochosas costas; todas as arvores bonitas, todas as flôres raras, pedidas, desejadas dos mais longinquos recantos da Europa.

Que póde irvejar a Provença marítima? Tem Nice, a cidade—joia no escriptorio—Mediterraneo; Cannes, Hyères, os dous centros da vida elegante, onde ha até a illusão da natureza tropical; Grasse, onde se distillam os mais exquisitos perfumes para envolver no encanto de Eva, a ondeante, nas nuvens do aroma.

O grande attractivo da Provença marítima não póde deixar de ser o oceano. A Provença atira os seus habitantes ao mar, diz um proverbio. Assim as vagas convidam os Gregos a navegar, os Gregos oceanophilos pelo convite irresistivel, expresso da criação. De manhã cedinho o vento norte conduz as embarcações de Athenas ás Cycladas; a cada noite o vento contrario empurra para o porto o alvo bando oscillante das grandes velas.

A cabeça commercial da Provença marítima é Marselha, com o seu meio milhão de almas e a sua valia de porto do valle do Rhodano.

Nessa velhissima cidade, cosmopolita em todo o curso da historia universal, nasce em pleno seculo XVI, em 1554, Vincent Leblanc, filho de um antigo mercador no

Oriente. Aos doze annos a casa paterna, a cidade natal, a patria não bastam a Leblanc. Que mais quer? Uma coisa muito simples para uma criança: o mundo. Deseja conhecê-lo pelas viagens. O pai nega a licença. O rapazi-
nho dá ás de villa Diogo. A mãe lhe corre no encalço. Alcança-o em caminho. Vencida pelas supplicas filiaes, o ajuda a embarcar sem sciencia nem venia do pai.

Leblanc começa a peregrinação. Permanece oito me-
zes no Cairo. Regressa á França depois de padecer num naufragio em Candia. Entretanto, não socega. Emprehe nova viagem. Desta vez percorre longinquas e variadas terras, Tripoli, a Palestina, a Arabia, o Sinai, o golpho Arabico. Palmilha a Asia inteira, a Africa toda. De Diu e Gôa se transporta á Malacca, como de Madagascar se transfere á Abyssinia. Marselha o revê em 1578. A fami-
lia e com ella os amigos consideravam Leblanc tendo já seguido para o outro mundo, menos concreto que o sub-
lunar. Os pais haviam mandado celebrar as exequias do filho. Os conhecidos em razão, pois, tinham rezado por alma de Vincent Leblanc, defunto á força de ausente.

No fim de seis mezes Leblanc dá principio a outra viagem. Nauta azougue, não podia parar. Desta vez segue para Marrocos, levando uma missão por parte de Henri-
que III, rei de França. A náó que o conduzia soffre ava-
rias em Gibraltar. Aprisionam o navio por conduzir mu-
nições para inimigos da Hespanha.

Judeu Errante da vaga, Vincent Leblanc prosegue nas viagens. Transporta-se á America, e, nessa nova pe-
regrinação, visita o Brasil. A cabo de tantos soffrimentos, de ser actor nos dramas de tantas excursões accidenta-
das pelo planeta afóra, Leblanc se casa em Marselha. Antes houvesse continuado a correr terras, a fluctuar so-
bre mares, a arrostar perigos, o dente do crocodilo no Egypto, a flecha do indio na America. «Casei-me com uma das mulheres mais terriveis do mundo», confessa Leblanc. Só um recurso lhe restou para se livrar das gar-
ras tigrinas de um máo casamento: a fuga.

Leblanc consignou a narração de suas viagens em um livro. Eu o li na Bibliotheca Nacional de Pariz, de-

pois de haver delle ouvido curioso commentario do douto chefe de secção dos impressos da Bibliotheca, o Sr. Carlos de la Roueière. Este comprehende muito bem o portuguez, se não o falla, devido ao trato com os manuscriptos de nossa lingua dos quaes se servio e serve para escrever a sua monumental «Historia da Marinha Franceza», ainda em via de publicação.

Para Brasileiros a parte curiosa do livro de viagens de Leblanc é, sem duvida, o capitulo referente ao Brasil. Traduzo o para os leitores do *Jornal*, entre os quaes penso encontrar o Barão Studart, esse benemerito da historia brasileira.

As «Viagens de Vincent Leblanc» têm sido muito criticadas. Alguns as acoimam de visionarias, de exageradas; outros as tratam com indulgencia e acham aproveitaveis as informações ministradas por ellas. Leblanc é um homem ignorante, muito ignorante, a narrar sem discernimento tudo quanto ouve. Entretanto, o seu livro tem sabor e utilidade, sendo lido com cautela. Traz o volume da Bibliotheca Nacional de Pariz a seguinte folha de rosto: «Les Voyages Fameux du Sieur Vincent Leblanc Marseillois. Qu'il a faicts depuis l'âge de douze ans jusques à soixante, aux quatre parties du Monde (segue-se a enorme lista dos lugares visitados) redigez fidèlement sur ses Memoires, par Pierre Bergeron Parisien et nouvellement reueu corrigé et augmenté par le Dr Coolon et Troyes, par Nicolas Oudot, et se vendent à Paris, chez Gervais Clovisier, sur les degrez de la Sainte Chapelle M. D. C. LVIII. Avec Privilege du Roy».

Eis no livro o capitulo referente ao Brasil, fielmente traduzido do original e apenas modificado, na divisão dos periodos, á moderna, para commodidade da leitura e do leitor.

«O Brasil é uma grande Provincia da Corôa de Portugal, na America, desde o 25º até o 2º de Norte a Sul, com alguns 10º de largura, de Este a Oeste, desde o forte do Pará á boca do grande rio das Amazonas até o Prata.

Os seus limites são o Maranhão ao Norte a 2º; ao

Sul o Prata a 35°. Ao Occidente ficam os altos e inaccessíveis montes do Perú, e no Oriente o mar Ethiopico ao Atlantico e do Norte A região é maravilhosa quanto á temperatura, ao clima, á bondade e macieza dos ares, á fertilidade da terra : o que torna os habitantes sadios e macrobios. Embora o clima do paiz seja da zona torrida, comtudo os ventos mansos e frescos vindos do mar o temperam, de modo que a residencia nesse paiz é muito agradável. De manhã ha algumas neblinas e nuvens refrigerantes, dissipadas pelo sol. Existem ahi bellos campos abertos, colinas amenas e montanhas ferteis, valles frescos, planicies apraziveis, muitos bosques, rios e fontes com aguas magnificas e maravilhosa copia de arvores, plantas, frutas, sementes, animaes, assucares e balsamos. Numa palavra é o melhor paiz do mundo para todas as necessidades e delicias da natureza. Entre os animaes exquisitos se acha o *Cerigon* do tamanho e da fôrma de uma raposa, entre amarello e cinzento. Tem no ventre uma especie de bolsa onde esconde as crias quando perseguido. Ha ainda outro animal chamado em portuguez *Pereza*, por caminhar tão devagarinho que numa quinzena não anda um lance de funda e não se apressa nem a páo. Vive de folhas de arvores, das arvores que leva dias a subir ou a descer. Ha tambem cameleões dos quaes já tratei bastante noutro ponto do livro.

Do Brasil ao Cabo da Bôa Esperança, existe um golfo de 1.200 leguas, horrivel e furioso por causa dos ventos e tempestades, sendo o litoral de cerca de 1.000 leguas.

O paiz está dividido em nove governos ou capitánias, onde vivem mais ou menos 17 povoações de Portuguezes ao longo da costa, como Tamaraco, Pernambuco, Todos os Santos ou São Salvador, Porto Seguro, Espirito Santo, Parahyba, Genero e outras, os cabos de Santo Agostinho, S. Vicente, o rio S. Francisco, etc.

Os primeiros descobridores da terra foram Vespucci, os Pinson, Lopes e Cabral, cerca de 1500

Pedro Alvares Cabral o descobriu principalmente em 1500, sendo mandado pelo rei Manoel para as Indias

Orientaes, mas a tormenta o atirou ahi e elle chamou a terra Santa Cruz e o lugar onde arribou Porto Seguro.

Este Cabral se contentou então em tomar posse do paiz sem nelle se deter. Os Reis de Portugal, salteados de negocios em Africa e no Oriente, desprezaram as novas conquistas, até que Manoel, pouco antes de fallecer, ahi mandou um Gonzalo Cotelho, que correu a costa com muito trabalho e perigos, e foi embora sem proveito algum. Depois o Rei D. João ahi despachou Christovão Jacques, que descobriu umas 1.100 leguas de costa e entre outros sitios a Bahia de Todos os Santos, onde achou no rio Paraguassú dous navios francezes traficando com os naturaes: prova que os francezes foram os primeiros a negociar com estes povos pouco ou quasi nada conhecidos pelos portuguezes. Este Jacques maltratou os francezes pondo a pique os navios delles e matando-os assaz barbaramente, á maneira hespanhola, porque os hespanhóes não podendo descobrir e povoar tudo, não consentem que outros o façam.

Desde essa época os reis portuguezes mandaram gente ao paiz, e o dividiram em Capitánias. Um tal Duarte Coelho se arranjou na de Pernambuco, onde se fortificou: os naturaes sympathisando mais com a indole branda dos francezes muito o guerrearam. E assim outros portuguezes, com venia do seu rei, se accommodaram noutros lugares com o titulo de Capitánias, como Pereira Coutinho no rio S. Francisco e na Bahia de Todos os Santos, e plantaram canna de assucar e construíram engenhos. Aquelle chefe Coutinho, foi, porém, destroçado e morto pelos Tupinambás, seus visinhos e inimigos.

O primeiro Governador, o Capitão General do Brasil, foi Thomaz de Souza, no anno de 1549, com uma frota de mil soldados e alguns padres jesuitas ahi conduzidos para conversão e catechese dos indigenas, padres esses alojados na nova cidade de S. Salvador. E o primeiro bispo do Brasil, em 1550, foi Fernandez Sardinha.

Os francezes ao commando de Villegaignon quizeram povoar o Brasil em 1555, do lado do rio Guanabara, a 23º, mas é geralmente conhecido o mallogro de sua ten-

tativa, por culpa dos nossos, e os máos tratos que lhes deram os portuguezes. Não foram mais felizes em 1594, 1604 e 1612 no Maranhão, onde os mesmos erros dos nossos, e os mesmos máos tratos dos portuguezes, nos excluíram inteiramente da terra onde depois os hollandezes com mais felicidade, resolução e paciencia se estabeleceram.

Dizem que a origem da mór parte desses povos brasileiros provém ha seculos do Perú, de onde vieram em diversas habitações, cada vez mais de tempos a tempos.

Estes povos são muito barbaros, antropophagos, devorando apenas os inimigos. Andam todos nús, homens e mulheres, são de côr amarellada ou esverdeada, baixotes, e de nariz rombo, em consequencia do costume de esborrachar o nariz aos recém-nascidos como na Europa se faz aos cãesinhos, salvo ás mulheres, cujo nariz fica natural. Os homens são desbarbados e arrancam os pellos da barba

Fazem buraco sobre o mento, buracos tão grandes que por elles passam a lingua, cousa horrivel e feia de ver e põem seixos nesses orificios, considerando isso belleza. As mulheres têm orelhas furadas, trazem continhas de vidro, que recebem por escambo.

Usam uma pequena tanga de algodão nas partes pudendas, assim tambem as donzellas andam nús no resto do corpo. No meu sentir, na sua nudez, ellas induzem menos á lubricidade do que as européas com os seus vestidos e enfeites; tanto mais quanto estando assim desnudas são feias e brutas, embora as haja bonitas. Prestam-se a todas as sensualidades masculinas, sobretudo as solteiras e as viúvas; porque as casadas só cohabitam com os maridos, embora taes costumes variem muito, como aliás tudo nesses povos tão diversos. Vivem todos naturalmente, do que o sólo produz, sem o cultivar. A raiz da qual comem e bebem é de boa substancia. Têm outra chamada *Pauhouqui*, com gosto de castanha; levaram-n'a para a Hespanha e ahi se deu muito bem; os hespanhões a chamam *Pacares*. Possuem muito gado e grande va-

riedade de caça São muito destros no arco e o manejam com presteza.

Muitos christãos se naturalizaram indigenas, ou como prisioneiros, sem meios de fuga, ou de bom grado para constituir familia, esses christãos ensinaram aos indios muitas cousas dos seus costumes e da sua lingua; alguns se deixaram arrastar a ponto de se casar com indias e de esposar-lhes as superstições e idolatrias. Quando tentavamos exprobar-lhes vida tão infeliz e bruta, concitando-os a deixal-a, os christãos só nos respondiam chorando e suspirando. Esses christãos não se dariam a conhecer por francezes se um dos nossos não os houvesse descoberto a dar ouvidos attentos ao nosso idioma. Como os advertimos que eram christãos, um delles respondeu negativamente, prova de nos ter entendido. De facto, um desses homens era de La Rochelle, outro de Saint Malo e haviam sido aprisionados em 1571, indo fazer aguada no Cabo de Santo Agostinho. Cinco dos companheiros delles tinham sido devorados pelos selvagens, tres tiveram a vida salva por serem moços, ou talvez para reserva antropophaga. Os indios apreciam sobremaneira a carne humana, allegando ser a melhor e a mais tenra de todas as carnes.

Esses povos vivem, de resto, muito simplesmente em casinhas ou choupanas redondas, sem moveis ou utensilios, excepto alguns vasos de barro ou de madeira, e uma cama de algodão suspensa de um lado e de outro da casa, cama que lembra as rêdes de pescar. São creaturas muito credulas, bastando-lhes saber um pouco a lingua para os converter.

Têm uma crença geral na immortalidade da alma, acreditando que depois de mortos vão dansar com os antepassados atrás das montanhas. Todo o seu prazer consiste na dança. Dansam a todas as horas, ao menor desejo como lhes convem, a qualquer instante, sem regra nem proposito. Levantam-se algumas vezes da cama á meia noite, para comer. Nunca se os vê beber comendo, mas bebem á vontade após a refeição. Algumas tribus entendem que as almas dos bons transmigram para corpos for-

mosos e que as dos mãos se alojam em corpos feios ou disformes, como castigo, metempsychose pythagorica da qual fallei tratando das Indias Orientaes.

Os Sourons e Caramêças, visinhos do Rio da Prata, na direcção do Paraguay são monogamos e pedem a mulher em casamenro ao pai, e este nunca a recusa a noivos esforçados e generosos na guerra, na qual fazem residir a nobreza e a virtude. Nesses casamentos os sacerdotes Caraibas ou pagés realizam algumas cerimonias, obrigando os nubentes a mudar de ouroya ou sapatos de liga. Em casa só tem uma cama de algodão e uma esteira tecida de otona ou vime marinho. Os pais dos noivos lhes mandam levar tambem um cestinho onde se encontram cintos de algodão e fitas para amarrar os cabellos, algumas peças de otona, flôres e plumas, estas para o homem.

Ha communhão de bens no matrimonio; as mulheres vivem honestamente com os esposos, sem nunca lhes serem infieis. Em caso de adulterio são irremissivelmente castigadas, ou têm de fugir da terra. Alhures não ha tanto rigor, mas solteiras e viúvas vivem a gosto. Se um marido achasse a esposa virgem se consideraria mal casado, prova de ser tão feia que ninguem a tinha querido.

Nunca se vê o marido e a mulher brigando, receiam os deuses cuja colera buscam abrandar com sacrificios. Quando as mulheres dão á luz envolvem as crianças apenas num tecido de algodão, e, se ellas se emporcalham as mãis as limpam com areia e sem perigo algum as fazem dormir, deixando-as de barriga para baixo.

Os indios põem certas hervas junto ás parturientes, o que lhes ajuda muito o parto; ficam muito contentes com o nascimento das crianças, sobretudo quando é um menino, dizendo que o recém-nascido vingará a tribu dos seus inimigos.

Comem no chão sobre uma especie de esteira, util á cobertura das choupanas. Dormem no sereno sem incommodo algum, tal a macieza e tepidez do ar.

São muito ignorantes, sem conhecerem o alphabeto e seus caracteres. Alimentam-se com uma chamada man-

dioca, da qual fazem farinha. Comem-n'a sem a cozinhar, fabricando com ella uma bebida. Fazem-n'a ferver com agua que tem gosto de leite azedo. Comem tambem farinha de peixe secco ao sol; são muito caçadores e bons archeiros. Traficam principalmente com páo brazil ou arabontan. Homens e mulheres vão buscar muito longe taes madeiras, carregando-as ao hombro, para trocal-as por quinquilharias de vidro, facazinhas e espelhos.

O páo brazil é uma arvore altissima, com folhas pequenas, e infructifera. Operam a troca com os negociantes sem fallar com elles. Põem a madeira de um lado, do outro fica a materia do escambo. O accôrdo entre todos se faz por signaes e findo o accôrdo cada qual leva o que é seu.

Em certos lugares os indios bebem o sumo de uma raiz chamada Pirona, cujo cheiro embriaga quem não está acostumado a ella. Refresca qual tizana, e fica côr de laranja quando fervida.

Deram-nos os indios o melhor agasalho possivel, convidando-nos a comer por dá cá aquella palha, admirando-se muito com os nossos habitos, prezando a nossa civilidade, pasmando ao vêr-nos tantas vezes tirar o chapéo nos cumprimentos. Chamam ao chapéo «tamion». Quando lhes dizemos que o tiravamos para os honrar, com isso muito se desvaneciam, convidando-nos a casar na terra delles indios, offerecendo-nos as mais bellas mulheres, tendo aprazimento com os nossos costumes e com os nossos trajos.

As tribus, a mór parte dellas, nas refeições, resolvem-se a guerrear os contrarios para aprisionar gente. Concordam em sahir todos juntos, referindo esse desejo ao sol, ao qual promettem, a troco de auxilio, o sacrificio dos mais formosos prisioneiros.

Escolhem para chefes os quatro homens mais velhos da tribu e lhes obedecem unanimemente Marcham levando certos instrumentos de muita bulha, como por exemplo tambores. Trazem muitas pennas. As armas são maças de páo brazil, por alguns chamadas sangal, por ou-

tros arabontan, arcos bem grandes e flechas feitas de madeira rija, como se fosse ferro

Andam assim equipados quinze e vinte leguas na montanha, para procurar colher os inimigos, que não acham desapercebidos

Então pelejam com tanta ancia que preferem a morte á rendição, pois se alegram quando aprisionam o adversario vivo para o comer. Agarram-n'o, amarram-n'o, tratam-n'o muito bem, casando-o até com as irmãs delles ou com a mulher que lhe apraz. O prisioneiro póde desposar-a e cohabitar com ella até o dia do sacrificio. Na vespéra d'elle os indios previnem a victima, amigavelmente. A victima recebe a nova prazenteiramente, e come com os seus futuros devoradores, banquetecendo-se todos com satisfação, sem que se distinga qual é o prisioneiro, quaes são os algozes. No dia do sacrificio, a victima é conduzida a dar a volta da casa, da cidade ou da aldeia, segundo as diversas localidades do Brasil. Todos a seguem com satisfação. As crianças vão a victima e caçoam della. O sacrificado, sem se importar com o facto, trata de exaltar os feitos proprios, gabando-se de ter dado o mesmo trato aos inimigos aprisionados, augurando que os seus o saberão vingar. Em seguida nomeia todos os que devorou juntamente com a sua tribu.

Os algozes cantam e dansam sem dar ouvidos ás palavras da victima. Chegados ao sitio do sacrificio, soltam a victima. Dizem-lhe que se defenda como puder antes de morrer. O sacrificado agarra o que lhe cahe debaixo das mãos, espanca, atira-se contra quem póde, e, ás vezes, fere quem não se afastou depressa. Então um golpe de massa o prostra. Assim que o cadaver é aberto de meio a meio, arrancam-lhe as entranhas, dando o coração aos caribas, pagés ou sacerdotes, para o sacrificio aos deuses, ao sol, ao trovão ou outra qualquer cousa, segundo os lugares. Limpando o corpo com agua quente, o despedaçam, depois o assam sobre uma grelha de madeira, só servindo a carne quando está bem assada, comendo todos juntos essa iguaria.

Atacam os inimigos nas suas moradias. Estas, em cer-

tos sitios, são cercadas de estacas ponteagudas para que os contrários nellas se estrepem e se firam, emquanto muitos homens tentam arrombar a paliçada, no seu ponto fraco, buscando combater, pois são robustos e esforçados.

A mulher da victima, sacrificada á antropophagia, fica muito triste. Se está grávida prevê para o filho a sorte do pai, assim que fizer dous annos ou tres, cousa de muita crueldade. Matam dest'arte o producto do proprio sangue, com o unico pretexto de ser filho de inimigo. Devoram apenas os homens e nunca as mulheres.

No meio de tanta barbaria algumas vezes os indios dão mostras de bom senso, digno de ser utilizado com um pouco de instrucção e de geito. Exprobavamos-lhes a nudez. Respondiam nos: «Os estupidos e os insensatos sois vós, occultando o que Deus tão liberalmente vos deu». Allegavam ser inutil gastar dinheiro em vestes sem prestimo, pois com ellas não haviamos sido creados.

Outro indio me perguntava, um dia, porque vinhamos arriscar as vidas em tão remotas paragens, se era apenas para ver as terras ou para nos apossarmos dellas, sobre as quaes direito algum nos assistia. Respondemos ao selvagem que tinhamos vindo lucrar alguma cousa. Que lucro, retorquiu o Indio. Umas madeiras e outras ninharias! Allegamos que taes madeiras valiam bom dinheiro em nossa terra e nos ajudariam a viver. Pois então, disse o selvagem, a terra dos senhores é de tanta penuria que não póde mantel-os e alimentar-os? A nossa patria nos podia sustentar, desejando nós, porem, augmentar cabe-daes e ganhar riquezas para viver mais a larga com os nossos filhos. Essas riquezas, acudio o Indio, os põem mais perto da graça de Deus, os impedem de morrer e quando morrer alguém as leva comsigo? Não, respondemos, mas é alegria ter o que legar aos descendentes. Pois se a terra basta aos senhores e a seus pais, não chegará para os seus filhos e a sua posteridade?

Censuravamos os indios por não cultivarem a terra. Retorquiam que como os nutria, como lhes nutria os pais, havia de lhes alimentar a próle. Essa pobre gente vive isenta de paixões, limpa de cobiça, de avareza, de inveja,

de ambição, de trabalho corporal ou mental. Quando tem algum petisco, chamam os vizinhos Alegram se e comem todos, mantendo entre si *commercio* de amizade, de candura, de franqueza, sem briga, nem troca de palavras. Visitam se livremente, e, na casa alheia, comem sem cerimonia quanto alli acham. Servem se de cauins, bebida que os Caraincles chamam *fivolla*, encerrada em vasos, sendo a raiz cozida n'agua. Quando querem bebel-a a turvam bem e a aquecem. Tem gosto de leite azedo e para aperfeiçoar, em certos lugares, os indios pegam na raiz, mandam que as donzellas a mastiguem e depois a a cuspam. A raiz mascada vai ao fogo e se torna uma bebida deliciosa.

Ha em certos lugares uma especie de raiz chamada *elcout*, para meu gosto, superior a qualquer outra. Tem o sabor da noz. Quando se a come em demasia dá muita sêde, e tem grandes virtudes. Serve de purgativo ao ser misturada com outra raiz por nome *mouquit*. Os indios conhecem uma planta rasteira e de folhas largas como a mão, com a qual curam toda a especie de chagas e feridas. Fallo por experiencia propria. Dei uma quêda em um rochedo e fiquei com sete ou oito feridas bem vivas. Um indio me fez colher a tal herva e sarei em tres dias. Vi a tal herva no Egypto e tambem na Italia, creio que se encontra em França. Ha outra raiz chamada *ieherait*, purgativo mais brando do que o rhuibarbo; julgo ser uriunda da Nova Hespanha e chamar-se *mechouaun*. Existe igualmente outra raiz, boa para emplastos sobre o estomago, é purgativa.

Os Brasileiros, e, sobretudo, os tupinambás, festejam muito os estranhos e lhes offerecem comida á farta. Quando uma mulher deseja festejar e agazalhar alguem, senta-se no chão, começa a chorar como se houvesse sido espancada. De repente se ergue e affaga a pessoa, mil vezes, agradecendo os presentimentos dados, mostrando desejo de que se folgue com as filhas della para assim se conservar lembrança da hospedagem. Houve francezes tão miserraveis que abusavam dessa cortezia; amaziando-se com essas pobres idolatras, abominação nunca assás profligada.

Os indios não têm alphabeto e seus caracteres. A pronuncia lhes faltam as lettras F, L, R, podendo affirmar-se que não possuem nem fé, nem lei, nem rei. Entregam-se ás adivinhações e ás superstições dos seus sacerdotes magos. Por uma tradição antiga têm um conhecimento obscuro do diluvio universal. Alguns acreditam nas recompensas e nos castigos após a morte. Outros não creem nisso, mas todos acreditam na immortalidade da alma e na integridade da pessoa humana, julgando ficar tal qual eram em vida ou pouco antes de fallecer. Enterram os mortos. Collocam alimentos, para alguns dias, nas sepulturas, assim como ahi deixam a rêde ou cama de algodão. Não conhecem rei ou superior que lhes dê ordens.

Juntam-se os indios da mesma linhagem em algum valle retirado, como os Adouens da Africa, e mudam de habitação, a seu bel-prazer. Varias familias vivem sob um tecto commum.

Os indios são muito caçadores, pescadores ou nadadores, vingando se das offensas recebidas. São inquietos de animo, inclinados á guerra, com o mesmo caracter na prosperidade e na desgraça. Quando não acham comida, soffrem fome facilmente. Quando a têm, não param de comer e de beber. Alguns attribuem o bem e o mal que lhes succede ao destino, outros á sorte e ao acaso.

São divididos em nações diversas, as mais das vezes inimigas, como os *Sontras Caramels* e Tamoyos, que chamam selvagens, para os lados do sul. Estes são inimigos das outras tribus para permanecerem mais selvagens e crueis. Os Catipós são mais meigos e humanos, habitam além do tropico do inverno a duas leguas do mato. Têm casas em lugares altos. Semeiam a mandioca. Ha tambem os Goyta cazes, os *Margajars*, os Tupinambás e outros. Os Tupinambás são bem conhecidos pelos Francezes viajantes e sobre elles ha boas relações impressas. No Brasil poderiamos ter colonias boas e proveitosas, se quizessemos utilizar nossas vantagens e sopitar um pouco nossas paixões».

ESCRAGNOLE DORIA.